
Com quantas linhas se desenha o gramado: uma proposta de análise de narrativa jornalística sobre futebol¹

Luiz Henrique ZART²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este artigo pretende propor um modelo inicial de análise crítica de narrativas sobre futebol, especialmente as jornalísticas. Utiliza-se como estrutura metodológica a base da Análise Crítica da Narrativa formulada por Luiz Gonzaga Motta (2013), orientando-se por duas etapas: uma de análise descritiva e outra de formação narrativa. Além dos dados de identificação, são contemplados os planos da estória, da expressão e da metanarrativa propostos pelo autor. Assim, diante de uma série de materiais, compõe-se uma visão panorâmica dos relatos sobre futebol, quando olha à distância, para ver com quantas linhas o gramado narrativo se desenha.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa jornalística; futebol; análise crítica da narrativa; metodologia.

Introdução

O estudo do esporte – e suas aproximações da Comunicação e do Jornalismo – tem conseguido espaço nas Ciências Sociais e Humanas, especialmente nas últimas décadas (GIULIANOTTI, 2002; HELAL, 1996; 2021; FORTES, 2011). No entanto, demorou a chamar atenção da academia, com destaque para o descaso e a falta de estudos sobre a temática. Como destacam Helal e Mostaro (2020, p. 22), a literatura acadêmica começou sua constituição, no Brasil, apenas no começo dos anos de 1980, com a publicação de *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (DAMATTA, 1982).

Antes percebido como o ópio dos povos, de um ponto de vista “apocalíptico”, “em vez de alienação e controle, as palavras-chave passaram a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz” (HELAL; LOVISOLO; SOARES, 2011, p. 15). Tanto que, como área em consolidação, “hoje, o descaso inexistente e proliferam estudos e grupos de trabalhos em congressos científicos que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR/UFSC), bolsista pelo Programa de Ações Afirmativas. Membro da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami/SBPJor) e do Núcleo de Estudos e Produção Hiperfídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor/UFSC). Jornalista, especialista em Comunicação e Jornalismo. E-mail: luizhenriquezart@hotmail.com.

tratam do tema”, abordado de múltiplos ângulos, também a partir do Jornalismo e do entendimento de suas práticas (HELAL; MOSTARO, 2020, p. 25).

Especificamente quando volta-se às produções jornalísticas, a perspectiva de Motta (2013) aponta para a descrição da narratividade, enunciando sucessivos estados de transformação – situação fundamental a qualquer relato jornalístico. Assim, estudar o Jornalismo como narrativa envolve reconhecê-lo como um dos responsáveis por ordenar acontecimentos do presente objetivo e subjetivo do mundo em discursos, “esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração” (QUADROS; MOTTA; NASI, 2017, p. 38).

Para Motta (2013), narrativas são um permanente jogo entre efeitos de real e efeitos de sentido, “mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana” (MOTTA, 2013, p. 18). Além disso, quem narra tem uma intenção e utiliza para isso estratégias comunicativas organizadoras do discurso midiático de forma não aleatória cujo princípio é o contar. Afinal, interpreta de que forma intencionalidades do narrador se desenvolvem no texto jornalístico, a partir de:

[...] uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (MOTTA, 2013, p. 47).

Este artigo pretende propor um modelo inicial de análise crítica de narrativas sobre futebol, especialmente as jornalísticas, tendo como estrutura metodológica a base da Análise Crítica da Narrativa formulada por Luiz Gonzaga Motta (2013). A partir dela, propor um modelo de análise que se oriente por duas etapas: uma a análise descritiva e outra de formação narrativa, compreendendo, além dos dados de identificação resumidos, os planos da estória, da expressão e da metanarrativa propostos pelo autor.

Fundamentação teórica

Teoricamente, a proposta, como destacado, se fundamenta na aplicação dos sete movimentos indicados por Motta (2013) na Análise Crítica da Narrativa em seus três

planos – com o detalhamento a ser descrito nos resultados, com mais nuances: 1) compreender a intriga como síntese do heterogêneo; 2) compreender a lógica do paradigma narrativo; 3) deixar surgirem novos episódios; 4) permitir ao conflito dramático revelar-se; 5) entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade; 6) identificar as estratégias argumentativas do narrador; e 7) permitir que as metanarrativas aflorem. Neste processo, se articulam e sobrepõem três vozes narradoras: veículos, jornalistas e personagens – com posições e opiniões muitas vezes contraditórias e confrontantes, em negociação no fazer jornalístico. Nesse sentido:

A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiramente pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seus ethos, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo lugar por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters etc., que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadram e posicionam os protagonistas na estória, de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais (MOTTA, 2013, p. 220).

É importante esclarecer de que forma se desenvolvem os movimentos formulados por Motta, para que então se compreenda sob qual prisma serão compreendidos diante do objeto de estudo. Pensando que “toda a narrativa tem princípio, meio e final e assim precisa ser compreendida e analisada” (MOTTA, 2013, p. 90), o primeiro movimento – “compreender a intriga como síntese do heterogêneo” – indica que o analista recorte de forma justificada o fluxo de materiais jornalísticos, identificado, em seguida, quais intrigas aglutinam os acontecimentos que compõem o enredo integral da narrativa observada, articulando aquilo que parecia desconexo quando na forma de relatos mais fragmentados. Importa, neste contexto, relacionar como episódios e personagens presentes nos relatos – e com quais recursos linguísticos, angulações e enquadramentos – são retratados, além de identificar início, meio e fim do enredo, entre os fios que alinham a narrativa. A identificação da intriga se dá a partir da leitura dos textos investigados, anotando considerações e redigindo um resumo-síntese, observando, decompondo e recompondo o tecido da narrativa para interpretá-la.

O segundo movimento analítico busca “compreender a lógica do paradigma narrativo” (MOTTA, 2013, pp. 94-103). Entram em questão as intenções do emissor na

articulação de certos aspectos na composição do relato jornalístico, entre suas observações e a materialidade do texto, para que o público o compreenda, em elos lógicos, fios condutores que fazem a estória “permanecer” para o público – quais os efeitos de retardamento do desenlace, as explicações dadas pelo narrador. “A sequência, o encadeamento, ênfases, retardamentos, suspense etc. passam a ser compreendidos como táticas argumentativas de quem narra uma estória” (MOTTA, 2013, p. 155).

Motta recomenda uma classificação dos fios condutores da narrativa por meio da designação de funções dessas categorias na totalidade. Esse passo procura elucidar o desenvolvimento dos vaivéns da narrativa, entre suspense, clímax, etc. e as escolhas pelas quais se desenrolam. Ainda há, neste movimento, a análise dos dêiticos presentes nos textos: elementos espaço-temporais que posicionam personagens e dão outras pistas sobre lugares e momentos no relato, mesmo aqueles ilustrados por ações dos personagens na narrativa. Ainda no segundo movimento, Motta (2013) recomenda a produção de uma linha do tempo que identifique pontos de virada, marcações do episódio analisado

O terceiro movimento, “deixar surgirem ‘novos episódios’” (MOTTA, 2013, p. 103-107) refere-se à identificação de unidades narrativas que tem certa autonomia individualmente, mas ainda assim se conectam ao todo do acontecimento, como que arrematando-o – manifestos individual ou conjuntamente; distribuídos de forma continuada ou intercalada no tempo; tendo função descritiva ou transformadora. Os episódios, nomeados e qualificados pelo analista, podem ter extensão variável, sem que necessariamente se sucedam, linearmente: podem ter condições dinâmicas ou mesmo estáticas, a depender do objeto de análise.

O próximo passo, o quarto, propõe “permitir ao conflito dramático se revelar” (MOTTA, 2013, p. 107-111). A partir do recorte da narrativa analisada, da identificação de intrigas e episódios, este momento trata dos embates presentes nos textos, sejam eles posicionados em um momento específico ou descritos de forma transitória, originados no mundo fático e, ocasionalmente, tensionados por uma dramatização – elemento presente duplamente: tanto nos materiais jornalísticos quanto na própria dinâmica das partidas e composições de futebol. Neste passo, se pode deduzir quais os recursos discursivos do processo comunicativo, entendendo que a narrativa é composta por episódios e conflitos dramáticos. A identificação do conflito dramático revela transformações no estado das coisas, a partir de um enunciador “que tece a trama através do relato dos incidentes, peripécias, rupturas, descontinuidades, transgressões ou anormalidades” (MOTTA,

2013). Esta posição é fundamental, para Motta (2013, p. 167) porque “o conflito dramático é o frame cognitivo (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar”. Assim, pode-se compreender como o narrador estrutura os embates da estória, posiciona personagens e lhes dá determinados recortes no texto.

Para “entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade”, no quinto movimento analítico desta proposta metodológica, Motta (2013) considera a transformação da pessoa em um personagem – não os indivíduos propriamente ditos, mas as representações que são feitas deles, destacando e ocultando certas características: “Enquanto personagens do discurso, eles representam outras pessoas, mas eles não são pessoas, são representações das pessoas” (MOTTA, 2013, p. 124). “Assim, a personagem assume um tipo singular que caracterizam certos arquetípicos, embora o tipo, como categoria, corresponda mais precisamente a uma personagem estereotipada” (MOTTA, 2013, p. 173).

Desta forma, este passo é representativo por indicar a força que personagens – vistos aqui na forma de arquétipos de seres humanos – têm na estruturação dos textos jornalísticos – especialmente sobre esporte. Elemento importante mesmo para a dramatização, o personagem direciona os papéis atribuídos nas ações e conflitos relatados e é também uma forma de aproximar e estimular o público leitor. Seja em narrativas fáticas ou fictícias, há personagens nas narrativas – ainda que nos relatos se configurem como representações.

O sexto movimento proposto por Motta (2013) se volta ao emprego, pelo narrador, de “estratégias argumentativas”, nas argumentações e intenções que compõem o relato. A atenção deve ser direcionada à polifonia e à polissemia da narrativa, considerando que o relato jornalístico se orienta pelo universo fático, preocupado com um efeito “de realidade”, a partir do qual o emissor procura “apagar-se” do texto que ele mesmo compôs – ao qual o analista deve procurar pelas “pegadas” deixadas pelo caminho. Esta perspectiva é descrita por Motta (2013, p. 131) nos “desvios de sentido” que convivem com o que há de verdadeiro no texto – incluindo efeitos “estéticos” como metáforas, hipérboles, etc. que tornam a narrativa híbrida.

Por fim, o sétimo movimento compreende “permitir as metanarrativas aflorarem” (MOTTA, 2013, pp. 134-138). O autor parte do entendimento de que, seja fática ou fictícia, toda narrativa é sustentada por um plano de fundo moral. Entrelaçados nas

estratégias do emissor, esses contornos e direcionamentos presentes ao longo do conteúdo podem aparecer depois da identificação dos demais movimentos propostos por Motta. O analista, ao notar a metanarrativa, chega ao momento “pré-narrativo” que atravessa a composição da narrativa jornalística e se manifesta em planos contextuais que motivam as escolhas do emissor: “Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural” (MOTTA, 2013, p. 206).

Entende-se, neste sentido, que narrativas só existem em contexto, e não podem ser analisadas de forma isolada. São produtos culturais configurados e inseridos em determinados momentos sociais e históricos. Por isso, a Análise Crítica da Narrativa utiliza procedimentos da narratologia para remontar sequências de relatos noticiosos sobre certo tema ao longo de dias, semanas ou meses e “ligar os fios de um enredo subentendido pelos conteúdos antes fragmentados em dispersas notícias e visualizar uma sintaxe narrativa” (MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p. 31).

Ao conectar pontos da mesma estória reordenada, esta perspectiva desvela a narratividade não simplesmente de narrativas unitárias, mas como parte de um acontecimento integral. Com a realidade recriada, surge, então, o que o autor chama de “acontecimento intriga”, responsável por revelar ao observador/analista sutilezas das estratégias e formas de narração, ganchos e encadeamentos, conflitos internos, papéis de personagens, dilemas, cenários, dramas e outros elementos que compõem a dinâmica dos relatos – e quais os próprios sentidos construídos por eles (GOUVÊA, 2015, p. 211; MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p. 33).

Como argumenta Motta (2013, p. 23), a Análise Crítica da Narrativa volta-se ao estudo “metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as estórias reais ou ficcionais”. Gouvêa (2015, p. 210-211), ressalta que saber de “que maneira se dá a articulação de sentidos por meio da comunicação narrativa é o objetivo central da técnica interpretativa que representa a análise crítica da narrativa”.

Para contornar a camada de estratégias de apagamento do narrador-jornalista – tradicionais nos textos produzidos pela imprensa –, sugere-se dar atenção a um episódio ou evento específico, reunindo todos os materiais possíveis publicados por um ou mais veículos. O argumento deste recorte metodológico pressupõe que o narrar jornalístico é

lacunar e difuso porque se compõe de forma não-cronológica. A reorganização dessa dinâmica temporal atravessa a prática de produção jornalística e faz dos relatos uma “atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese instituidora de realidade, formadora e constituidora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões dessa afirmação” (MOTTA, 2013, p. 63-64).

Principais resultados e/ou contribuições da pesquisa

A proposta de Motta (2013) considera observar um trio de instâncias, separadas apenas para observar o objeto empírico, mas indissociáveis: os planos da expressão, da estória (de caráter estético) e da metanarrativa (ético). O primeiro tem como principal objeto de análise o discurso, manifesto na linguagem, na forma, nos recursos expressivos e estratégias utilizados pelo jornalista-narrador para apresentar a estória. O segundo, ao qual interessa o conteúdo, se volta à representação e o modo pelo qual a estória é enunciada, investigando a lógica e a manifestação das intencionalidades do narrador, entre personagens, conflitos e outras estruturas organizadoras para causar certos efeitos no público. Por fim, a terceira instância se baseia no tema de fundo: uma narrativa sobre a narrativa, uma mensagem subentendida que transcende o texto em si, propósito do narrador para com o público.

Quadro 1 – Detalhamento dos planos da ACN, em perspectiva (continua)

DENOMINADOR	EXPRESSÃO	ESTÓRIA	METANARRATIVA
Função			
Se volta a...	Linguagem/discurso, construção do texto; intenções comunicativas do narrador diz respeito às escolhas linguísticas e discursivas utilizadas pelo jornalista para arquitetar sua comunicação	Conteúdo (definição dos episódios, descrição) modo como o enunciador aloca episódios e suas personagens com o intuito de causar certos efeitos nos receptores	Tema de fundo
Predominantemente	Estético	Estético	Ético (cultural/ideológico)

<p>Se analisa</p>	<p>Sequências de ações Encadeamentos Enredo Intriga Conflito Cenário Personagens</p>	<p>Conteúdo: Modo como o enunciador aloca personagens e episódios na estória Universo de significações, história que se projeta na mente dos leitores, intencionalidades do narrador</p>	<p>Moral da história ao público (exemplos de Motta): fé, felicidade, progresso, corrupção, exaltação, triunfo Revolução, temor, morte</p>
<p>Detalhamento</p>	<p>Na retórica do jornalismo, a fim de produzir efeitos de surpresa, espanto, incredulidade, dentre outros</p>	<p>Unidades nucleares e sua funcionalidade: ações em sequência que conformam os episódios</p> <p>É o plano da significação: uma realidade referente “é evocada pelo texto narrativo por sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)” (MOTTA, 2013, p. 137).</p>	<p>Estruturas profundas, abstratas, evasivas e que evocam imaginários culturais, modelos de mundo</p>

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Importa ressaltar que a realização de uma pré-coleta é relevante, sobretudo como forma de identificar as particularidades do objeto estudado – especialmente no caso de campeonatos, já que podem oferecer a possibilidade de uma observação mais panorâmica, que desvele os “fios” que entrelaçam a narrativa, além de refletir sobre possíveis categorizações e enquadramentos. Afinal, “o movimento pendular da narrativa jornalística entre o fático e o ficcional contribui para que Motta disserte sobre a narrativa

jornalística e o leque de formatos de texto adotados em meio aos produtos informativos” (MOTTA, 2013, p. 61). A dimensão da construção do texto procura compreender de que forma o relato é composto e o que o caracteriza e o conforma em certas categorias, independente da natureza: se trata de uma partida, de um personagem ou de uma análise mais ampla.

A partir das indicações vistas em leitura flutuante e anotações do analista, são sugeridas duas dimensões de análise: 1. Construção do texto; e 2. Formação narrativa. Vale ressaltar, inicialmente, que aqui nos orientamos pelas unidades narrativas a partir de cada notícia, como forma de oferecer uma visão panorâmica da narrativa. Na primeira etapa desta proposta, a análise descritiva, a atenção se volta às informações de identificação e construção da narrativa.

Indica-se a disposição, em tabelas, de: número da matéria coletada para compor o *corpus*, seguida de data de coleta, data de publicação, editoria em que o conteúdo está, autor da notícia, título e linha fina. Além disso, ainda propõe-se uma interpretação acerca classificação das matérias por gênero (considerando-se, aqui, informativo, interpretativo e opinativo, segundo as pontuações de Melo [2003] e Beltrão [1980], com adaptações), e também de formato: distinto, em adaptação a um determinado *corpus*, entre notícia³, um texto mais factual; personagem⁴, quando se volta a um dos nomes da partida; e crônica de jogo⁵ (VIANA, 2013), como um texto de mais liberdade, em que a análise e o relato factual se entrelaçam, dando espaço às observações mais subjetivas do repórter. A escolha se justifica por envolver um site que compõe seus textos a partir da aproximação entre textos informativos e interpretativos, por vezes se aproximando da crônica, com marcas características brasileiras (FRANGE, 2016).

³ Relato de um fato atual e tido como socialmente relevante; matéria-prima do jornalismo (ALVES FILHO, 2014).

⁴ Apresenta um personagem ou um local (ibidem).

⁵ Conteúdo marcadamente subjetivo [...] que registra a visão do cronista a respeito de fatos do cotidiano, aproxima jornalismo e literatura (ibidem).

Figura 1 – Informações de identificação (prévia, parte 1)

#	COLETA	DATA	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO	LINHA FINA
1	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Felix Sanchez: Técnico do Catar	
2	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Eric Dier: "Gost Proibição da venc	
3	20/11	20/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Senegal convoi A troca de seleçã	
4	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Na abertura da Os sul-americanos	
5	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Catar viu seu p Estilo de jogo da	
6	20/11	20/11	Copa do Mundo	Leandro Stein	Enner Valencia Maior artilheiro da	
7	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Gustavo Alfaro: Técnico do Equac	
8	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Se a França nã O técnico da Fran	
9	20/11	20/11	Copa do Mundo	Felipe Lobo	Enner Valencia Craque do jogo n	
10	20/11	20/11	Copa do Mundo	Bruno Bonsanti	Torcedores do A venda de bebid	
11	20/11	20/11	Copa do Mundo	Equipe Trivela	Podcast Trivela Começou a Copa	

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2022.

Também se considera a proposta à qual se volta o relato, disposta entre as nomenclaturas: quatro linhas (assuntos sobre as partidas, dentro do campo); escalação (para ressaltar um personagem que é central à narrativa) e visão de jogo (já que a crônica costuma oferecer uma observação panorâmica além da partida).

Quadro 2 – Construção do texto (angulações)

GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA
Informativo	Notícia	Quatro linhas
Interpretativo	Personagem	Escalação
Opinativo	Crônica	Visão de jogo

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Figura 2 – Informações de identificação com construção do texto (prévia, parte 2)

GÊNERO	FORMATO	PROPOSTA
Informativo	Notícia	Quatro linhas
Informativo	Notícia	Quatro linhas
Interpretativo	Notícia	Quatro linhas
Informativo	Crônica	Quatro linhas
Interpretativo	Crônica	Quatro linhas
Interpretativo	Personagem	Escalação
Informativo	Notícia	Quatro linhas
Interpretativo	Notícia	Quatro linhas
Informativo	Personagem	Escalação
Interpretativo	Notícia	Visão de jogo
Informativo	Notícia	Visão de jogo

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Nesta etapa, também são identificados pela presença ou não do recurso no conteúdo analisado os seguintes elementos: Ficha técnica (com dados da partida ao final do relato); Hiperlink; Conteúdo embutido de outros locais/redes (*embedded*); Foto; além do link de acesso e quantidade de matérias publicadas no dia.

Figura 3 – Informações de identificação (prévia, parte 3)

FICHA TÉCNICA	HIPERLINK	EMBEDDED	FOTO	LINK	MATÉRIAS/DIA
N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/felix-sanchez-estamos-prontos-para-provar-a-toc	1
N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/eric-dier-gosto-de-pensar-que-voce-pode-aprove	2
N	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/senegal-convoca-um-lateral-para-o-lugar-de-mar	3
S	N	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/na-abertura-da-copa-equador-foi-forte-demais-pa	4
N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/catar-viu-seu-plano-receber-um-choque-de-realiz	5
N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enner-valencia-resumiu-seu-simbolismo-a-selecc	6
N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/gustavo-alfaro-ganhamos-com-muita-claridade-e	7
N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/se-a-franca-nao-chamara-substituto-e-dificil-ente	8
N	S	N	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/enner-valencia-sonhei-muitas-vezes-em-ganhar-	9
N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/forcedores-do-equador-cantaram-queremos-cerv	10
N	S	S	S	https://trivela.com.br/copa-do-mundo/podcast-trivela-na-copa-2022-01-a-cerimonia-de	11

Fonte: Planilhas Google/produzido pelo autor, 2022.

Já na segunda etapa, da formação narrativa, esta proposta se volta à observação descritiva às particularidades do objeto: entram em questão as categorias dos três planos narrativos. No primeiro, da expressão, importa observar a linguagem/discurso, a construção do texto; quais são as intenções comunicativas do narrador pela retórica do jornalismo. São considerados um resumo-síntese; o episódio (disposto como a fase do campeonato, como elemento narrativo aglutinador); o microevento (qual partida estava em questão); nomeação do episódio (de acordo com a função desempenhada na construção de significações narrativas, a depender do *corpus*); Sequências/encadeamento do enredo-intriga (com que elementos-chave, o relato é construído, por exemplo: “Problemas/ Trajetória/ Desafios/ Decisões no jogo/ Descrição dos lances/ representatividade”); seguidos da descrição dos Conflitos/Pontos de virada (em polos comuns à narrativa futebolística, devendo se encaixar em cada um, a partir do que propõem os segmentos do relato futebolístico: heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração; mobilização/confrontação; história/contexto); o cenário em que a narrativa se desenvolve (se relativa ao espaço “dentro” ou “fora” do campo); além dos personagens principais (e qual sua função, como protagonista ou coadjuvante da narrativa).

Quadro 3 – Elementos de formação narrativa (angulações/expressão)

Resumo-síntese	Sequências/encadeamento do enredo-intriga (nomeações a serem definidas)
Episódio (fase do campeonato/natureza do jogo)	Conflitos/Pontos de virada (heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração; mobilização/confrontação; história/contexto)
Microevento (jogo como narrativa mínima)	Cenário (Dentro/Fora das 4 linhas)
Nomeação do episódio	Personagens (função) + (Protagonista/Coadjuvante)

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

O plano da estória se refere ao conteúdo, ao universo de significações e outros recursos usados pelo narrador. Motta (2013) destaca que este plano é, essencialmente, aquele em que a narrativa se desenvolve. Vale ressaltar que se pretende usar a linearidade dos campeonatos justamente como uma forma de desestabilizar a narrativa, desmontando-a para remontá-la ressignificada. É neste movimento operacional que se percebe o núcleo por meio do qual orbitam elementos que dão forma à narrativa.

No plano da estória, para que se mantenha algum elemento de referência, propõe-se que o resumo-síntese continue no quadro, assim como o episódio que o denomina em relação à Copa do Mundo. Importa saber como o enunciador constrói o relato para o público, de que forma posiciona personagens e como desencadeia a narrativa a partir de unidades nucleares – como blocos de texto com propósitos determinados. Vale apontar, brevemente, quais recursos de linguagem sustentam essa proposta, assim como aqueles que fazem referência a informações, dados e fontes, com a intenção de construir efeitos de real, por meio de recursos fáticos – particularmente importante à narrativa jornalística; e os que apontam à direção de efeitos de sentido, por meio de recursos fictícios, interpretações, analogias, descrições mais subjetivas, com o uso de artifícios literários, hipérboles, etc.)

Quadro 4 – Elementos de formação narrativa (angulações/estória)

Resumo-síntese	
Episódio (fase do campeonato /natureza do jogo)	Recursos fáticos (efeitos de real)
Conteúdo da narrativa/Unidades Nucleares	Recursos fictícios (efeitos de sentido)

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

O terceiro quadro utilizado é relativamente mais simples, sobretudo por conta das escolhas metodológicas: no terceiro plano, da metanarrativa, de sentido ético, se propõe a classificação do tema de fundo a partir dos mesmos conceitos usados na seção “conflitos/pontos de virada”, para saber qual a moral projetada pela estória.

Entende-se que a categorização possa ser feita a partir da identificação ou não dos temas de fundo determinados em cada uma das estórias, para que se tenha uma visão panorâmica do que predomina, qual a intenção narrativa dos enunciadores, e qual mensagem os textos transmitem ao público leitor além do jogo. Vale lembrar que as classificações demarcadas são condicionantes do próprio esporte, em específico o futebol, em que o contexto das partidas atribui certos papéis aos personagens envolvidos, ao mesmo tempo em que dá forma a uma consciência coletiva da representatividade além do resultado em si.

Quadro 5 – Formação narrativa (angulações/metanarrativa)

PLANO DA METANARRATIVA						
Tema de fundo	Heroísmo/ vilania	Superação/ decepção	Expectativa/ Frustração	Mobilização/ Conformação	História/ contexto	

Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Importa destacar que a proposta de organizar estes conteúdos deve ser sustentada pela segunda etapa, que envolve uma análise interpretativa, por meio da qual o analista discorre livremente sobre os relatos observados de forma a detalhar suas classificações. Neste momento, o pode-se exemplificar de que maneira se desenrola a narrativa analisada, sustentando o texto tanto com trechos de citações literais quanto com interpretações do observador.

Considerações finais

Duas áreas dentro de um campo que conversam entre si, como que em uma tabela. No um-dois entre narrativas e futebol, surge o contexto de expansão e interesse por estudos que mesquem as duas perspectivas. Assim, a tentativa de compreender narrativas que tratem de um esporte pode mostrar-se interessante por ser um campo de variadas manifestações, do ponto de vista cultural, social, político, e mesmo da estrutura dos

relatos, por conta das estratégias utilizadas para formular os conteúdos. É, também, uma forma de observar com mais detalhe quais as aproximações e convergências existentes entre estes espaços e o jornalístico. Se as narrativas estabelecem um jogo entre os efeitos de real e de sentido, ajudam a construir um discurso com características e condições de funcionamento.

Neste sentido, a proposta aqui desenhada procurou fundamentar a Análise Crítica da Narrativa, com seus movimentos analíticos e instâncias/planos, pensando em uma insurreição do que aparenta ser óbvio: porque o jogo não se apresenta como apenas isso; tem nos seus relatos uma série de nuances que, quando olhadas em perspectiva, de forma ampla e panorâmica, podem ser desvendadas. Procurou-se compor duas dimensões de análise que dessem conta tanto da construção textual quando da composição narrativa do objeto em questão – com determinadas condições, a depender da modelagem do *corpus*.

A proposta de construir tabelas permite que se observe uma quantidade maior de conteúdos, partindo de classificações prévias a serem adaptadas por conveniência, conforme a necessidade. Como se viu, propusemos a compilação de elementos de identificação, bem como a qualificação de gêneros, formatos e propostas narrativas – que, ressalte-se, podem estar intercaladas –, além de outras condições mais ligadas à técnica, como o uso de elementos visuais, além do texto.

Como base conceitual, acreditamos que a segunda etapa de análise do material possa fornecer elementos interessantes, quando se aprofunda na descrição com o apoio dos quadros e tabelas indicados. Obviamente, por ser uma adaptação da Análise Crítica da Narrativa, encaixes são necessários para aproximar-se das disputas relacionadas ao futebol, contemplando os três planos – da expressão, da história e da metanarrativa –, ou mesmo um ou dois deles, em específico, assim como o enfoque em eventos esportivos ou veículos de interesse do analista.

É preciso considerar as limitações deste recorte, que, na tentativa de especificar o objeto de observação, requer adaptações graduais, a serem testadas e remodeladas. Reconhecemos, no entanto, que esta é apenas uma proposta, indicial, de observação: sobre a multiplicidade de fenômenos debaixo das possibilidades da narrativa jornalística, e uma tentativa de compor uma visão ampla dos relatos sobre futebol – aos quais se volta somente quando olha à distância, para ver com quantas linhas o gramado narrativo se desenha.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

DAMATTA, R. (org.). **Universo do futebol: esporte & sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANGE, M. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. Curitiba: Appris, 2016.

FORTES, R. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 598-614, maio/agosto 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9476>. Acesso em: 06 jul. 2023.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: discussões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOUVÊA, G. N. Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do jornalismo. In: JORGE, T. M. **Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

HELAL, R. Futebol, cultura e cidade. **Logos: comunicação e universidade**, v. 3, n. 2, 1996. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13369>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

HELAL, R. **Sobre futebol, esporte e cultura**. Curitiba: Appris, 2021.

HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, R.; MOSTARO, F. (orgs.). **Narrativas do esporte na mídia: reflexões e pesquisas do LEME**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. c. 4.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12232/1/ARTIGO_NoticiaConstrucaoSentidos.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

QUADROS, M. R.; MOTTA, J.; NASI, L. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: SOSTER, D. A. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

VIANA, R. **A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira**. São Paulo: Summus, 2013.